*Mônica Caldas
Ehrenberg*

monica.ce@usp.br

Faculdade de Educação

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v5.id121](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id121)*

Recebido: 26 mar 2021

Aceito: 27 mar 2021

Publicado: 28 mar 2021

RUBIO K (ORG). MULHERES E ESPORTE NO BRASIL: MUITOS PAPÉIS, UMA ÚNICA LUTA. SÃO PAULO: LAÇOS; 2021. ISBN 978-65-89694-01-4.

Este texto se refere a resenha do livro ‘Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta’, a qual os autores apresentam de forma crítica os desafios referentes a inserção, a participação e a manutenção das mulheres no esporte. As reflexões escritas em treze capítulos apontam para um cenário em crescente desenvolvimento das mulheres frente aos enfrentamentos vividos no mundo esportivo, mas com um longuíssimo caminho ainda a ser trilhado em busca de isonomia e pleno reconhecimento social, tal qual se faz necessário na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: mulheres; esporte; estudos feministas.

Introdução

A obra organizada pela professora Katia Rubio, debate em parceria com convidados, orientandos e ex-orientandos, além de integrantes de seu grupo de pesquisas GEO (Grupo de Estudos Olímpicos) a inserção, participação e atuação das mulheres no cenário esportivo, especialmente as mulheres que conquistam índices brilhantes a ponto de terem vagas asseguradas para edições olímpicas. Mas, não apenas. Os obstáculos e lutas das mulheres em carreiras da gestão esportiva, do treinamento esportivo, dos esportes de aventura, de combate, das atletas paralímpicas, entre outras batalhas que as mulheres que se aventuram ao universo esportivo enfrentam bravamente.

Desde o prefácio, escrito pela ex-atleta olímpica Isabel Salgado, o tom de desafio seguido de superação já está presente e nos dá pistas do caminho instigante que a obra seguirá como um todo.

Na apresentação do livro, a própria Professora Katia Rubio, traz a contextualização histórica e social da mulher no campo esportivo e nos conta que “o esporte para as mulheres nunca foi concessão, foi conquista alcançada com luta (p. 12)”.

Fica explicitado durante todo o percurso da leitura do livro que o esporte é um fenômeno social e que, portanto, reflete o contexto, o tempo e o espaço vivido. A obra apresenta narrativas contemporâneas de lutas e desafios de várias mulheres contestadoras de um padrão patriarcal e machista estabelecido em nossa sociedade e que, especialmente no mundo dos esportes, insiste em dificultar o acesso e a permanência delas. No entanto, as histórias trazidas pela escrita, nos aguçam a bradar por ter e reconhecer o esporte como um fenômeno que, assim como a sociedade como um todo, seja mais democrático e plural para todos que nele queiram estar.

Sobre os capítulos

No primeiro capítulo, de autoria da própria Profa. Katia Rubio, intitulado *Mulheres olímpicas brasileiras: entre ser e estar atleta*, a história das mulheres é contada a partir de sua crescente participação como atletas olímpicas, em contraponto ao lento, ou quase imperceptível, crescimento como gestoras esportivas no Brasil.

A autora apresenta a concomitância das lutas e conquistas das mulheres em diferentes cenários sociais com o paralelismo à ascensão da participação das mulheres brasileiras no esporte de alto rendimento. É-nos evidenciado que as conquistas no campo

esportivo seguem proximamente os avanços e os retrocessos sociais, o que faz comprovarmos que o esporte se trata de um fenômeno social que reflete as mudanças vividas em diferentes campos.

Na trajetória histórica traçada pela autora, há o destaque para primeira atleta brasileira a participar de uma delegação Olímpica, a nadadora Maria Lenk, integrante da comitiva que foi a Los Angeles em 1932, marcando o início de um percurso sinuoso e lento das mulheres atletas até a década de 1990. Foi então, a partir deste momento em que o esporte se afirmou como uma oportunidade profissional, que as mulheres passam a se dedicar aos treinos e competições, conferindo-lhes um início mais claro de autonomia e empoderamento.

A função da mulher como esposa, mãe e provedora do lar é uma das principais justificativas identificadas pela professora Katia Rubio para dificultar a inserção das mulheres no esporte e mais ainda na função de gestoras esportivas.

A autora destaca que a busca pela condição profissional de técnica esportiva pelas mulheres não é fato recente, no Brasil. Desde 1956 e, a despeito de todo o preconceito, a ex-atleta Benedicta Oliveira, tornou-se a primeira mulher técnica de atletismo do Brasil e ela também ganha reconhecimento no escrito.

A autora finaliza denunciando o quão obsoleta é a organização e estratégias das políticas representativas do esporte brasileiro que ainda desqualificam e secundarizam a presença das mulheres nas organizações e processos decisórios. “Embora os atletas sejam a razão de ser do esporte são eles também a parte mais frágil da estrutura esportiva. Sujeitos a um sistema nem sempre transparente lutam para sobreviver às muitas mazelas que os inserem ou retiram das grandes competições (p. 25)”. Quando essas são atletas, técnicas e gestoras mulheres a crise e descaso são ainda mais acentuadas e evidenciadas.

No capítulo seguinte, denominado Tempo de ressignificar a vida: transição de carreira de mulheres atletas, os autores Gislane Ferreira de Melo, Graziela Cirino e Ivan Sant’Ana Rabelo nos convidam a refletir, a partir de depoimentos de atletas que participaram dos Jogos Olímpicos até 2012, sobre a trajetória de mulheres atletas olímpicas brasileiras no mercado de trabalho do esporte, desde o ingresso, o desenvolvimento da carreira, até a aposentadoria e transição para outras ações laborais. Os esforços realizados por algumas mulheres para atingir seus objetivos e trilhar suas carreiras profissionais no esporte são evidenciados no escrito.

Os autores apontam que, assim como no mercado de trabalho, o processo de construção da identidade profissional das mulheres não se deu apenas por busca do direito a um espaço laboral, mas também pela abertura ao desenvolvimento e aprimoramento de competências para acessar as mesmas oportunidades oferecidas aos homens. O artigo está dividido em três momentos, a saber: o início da carreira esportiva; a profissionalização e desenvolvimento da carreira; e a transição de carreira.

Sobre o início da carreira, os autores sugerem que o processo de iniciação pode ter três finalidades: a competitiva, a educativa ou ainda a recreativa. Em ambos os casos as atletas olímpicas pesquisadas apontam que iniciaram precocemente a prática esportiva, tendo na trajetória das mesmas a evidente capacidade de resistir às adversidades, ou seja a resiliência, condição fundamental para se preparar para a transição de carreira e tão comum ao ser atleta.

No segundo momento da estrutura escolhida pelos autores, o artigo apresenta o entendimento da carreira das atletas como um trabalho que transcende as questões de subsistência comuns aos demais campos laborais.

Sobre o indivíduo que persegue esta carreira, repousa um imaginário heroico, afetos e expectativas sociais que acabam por elevá-lo a uma posição de prestígio que só se compara aos astros do cinema e da música. Condição que, por sua vez, tende a desviar da visão do grande público o pragmatismo de acordos contratuais e dureza da vida dedicada à superação de limites (p. 34).

Inúmeros desafios são elencados pelos autores ao narrar a carreira profissional das atletas, além de evidenciar que a carreira esportiva tem um tempo limitado para ocorrer, atingindo seu ápice durante a segunda e a terceira década da vida. A partir de então, passa-se a ponderar a necessidade de aposentadoria.

A aposentadoria e transição de carreira passam a ser o foco final do artigo em que se refere ao momento em que o atleta se prepara para se retirar de treinamentos e competições. A grande diferença em relação às demais atividades profissionais, apontada pelos autores, versa sobre a visibilidade que os atletas sustentam durante o período ativo de suas carreiras e que, ao perdê-la com a aposentadoria, pode trazer problemas psicológicos, além de um início de processo de dificuldades financeiras que por pode vir

a acarretar outras consequências negativas. Além disso, ao contrário de outras carreiras profissionais em que a aposentadoria ocorre por tempo de serviço, seguindo leis trabalhistas e que as pessoas podem inclusive continuar os trabalhos pós aposentadoria, no caso de atletas esse fenômeno ocorre em uma idade muito menor do que a média populacional e sem as devidas garantias previdenciárias.

Todos os apontamentos feitos pelo artigo em relação ao momento de transição da carreira para o período de aposentadoria tendem a ser ainda mais agravado e dificultado se tomarmos como base as atletas mulheres. A pesquisa apresentada no texto revela um fenômeno discriminatório em que as mulheres atletas pouco ascendem para carreiras gestoras no esporte e, aquelas que ao se aposentarem como atletas seguem a carreira de técnicas esportivas, se mantêm atuantes em clubes e escolinhas de pequeno porte e com pouca visibilidade, evidenciando assim as dificuldades vividas no período pós atuação de atleta.

‘Lésbicas no esporte olímpico: uma história de indiscrições midiáticas que se repete no Brasil’ é o título do terceiro capítulo da coletânea escrito pelas autoras Waleska Vigo Francisco e Katia Rubio.

O capítulo se inicia apresentando um paralelo entre o cenário nacional corrente de desaprovação ainda vigente acerca da pauta que versa sobre sexualidades dissidentes e a mesma rejeição e contestações encontradas no mundo esportivo, com o agravante de que, no mundo esportivo, a exposição midiática muitas vezes não consentida, se transforma em constrangimentos podendo reverberar em agravantes profissionais e financeiros.

As autoras afirmam que o esporte contemporâneo ainda considera o gênero um efeito biológico e que muitas vezes a mídia valoriza notícias que relatam o casamento heterossexual ou a maternidade de atletas em detrimento de narrativas que apresentem a incessante rotina de treinos das mulheres e seus sucessos alcançados.

O texto segue com exemplos de atletas que tiveram exposição midiática, nem sempre consentidas, de caráter especulatório. A grande mídia, na maioria das vezes, acaba por ‘identificar’ uma lésbica de modo desrespeitoso e desconsideram que “mais do que um relacionamento afetivo entre mulheres, ser lésbica também é uma questão política e identitária que depende da autoafirmação do sujeito (p. 53)”

A luta do movimento homossexual brasileiro é contada pelas autoras e descreve que, no caso das mulheres, a luta é mais recente, tendo em vista que apenas a partir da

década de 1990 as lésbicas começam a ocupar espaços junto ao movimento homossexual brasileiro. De acordo com as autoras, até os anos 2000 não havia relatos de autoafirmação lésbica de atletas brasileiras. Até aquele momento os assunto vinha à tona através de boatos e sem o consentimento delas.

A partir das narrativas tidas em pesquisas do Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo (GEO-USP), as autoras afirmam que muitas atletas se sentem inseguras com a hiperexposição midiática e temem que a autoafirmação identitária acarrete perdas de contratos e dificuldades com patrocínios, mantendo assim o silêncio e a insegurança. Em contraponto, é exaltado no texto que algumas atletas lésbicas têm usado os espaços esportivos para atos de resistência, podendo assim servir-se de exemplo a outras pessoas que compartilham das mesmas experiências.

O capítulo ‘Eu fiquei na história. Eu também competi. Não é que me deixaram’, aspectos da inserção da mulher negra no esporte olímpico, escrito por Neilton Ferreira Junior é o quarto da coletânea. Neste, o autor buscou identificar e analisar a inserção e presença das mulheres negras no esporte olímpico ao longo do século XX, relatando como a prática esportiva se configura em um campo de disputa política em que as relações de poder e hierarquias são constantemente sofridas de modo a racializar e inferiorizar as mulheres, especialmente as negras.

Tidye Pickett e Louise Stokes são atletas olímpicas americanas que tem suas histórias utilizadas no texto como exemplo de mulheres que sofreram com a chamada invisibilidade e menor prestígio e reconhecimento pela cor de suas peles. O autor utiliza-se destes exemplos para contextualizar o período histórico estudado e afirmar que por determinantes socioculturais, as mulheres distinguem-se quando seus corpos passam a ser representados, estigmatizados, hierarquizados em sociedade, tendo a mulher negra papel e reconhecimento secundarizado neste processo.

Posteriormente, o artigo mergulha na história de Melânia Luz, a brasileira que participou da edição olímpica de Londres, no ano de 1948, aos seus vinte e cinco anos de idade. As narrativas trazidas no texto emocionam e ao mesmo tempo revoltam pela essência contada pela atleta sobre seu percurso de intensos treinamentos aliados ao trabalho externo para manter sua sobrevivência, numa época em que o discurso da superioridade biológica e inferioridade social do negro circulava com plena liberdade na sociedade paulistana, local de seus treinamentos, bem como em todo o território nacional.

Importante destaque é trazido pelo autor que nos convida a realizar a leitura de seu capítulo reconhecendo o tempo-espço das narrativas escritas, conforme ele anuncia que

[...] vale reconhecer que a vida dos negros em sociedade não deixa de ser uma vida no mundo dos brancos, mundo este constituído com base num ethos burguês que tem como propriedade não apenas as instituições, mas as ideias dominantes; restando à classe dominada jogar/pensar com as condições e repertórios disponíveis, o que, como nos parece, foi o que a jovem atleta precisou fazer (p. 78).

O quinto capítulo intitulado *Atletas Paralímpicas Brasileiras: esporte, ensaios e histórias*, foi escrito por Luciane Maria Micheletti Tonon que com tom ensaístico nos apresenta a história de algumas atletas paralímpicas brasileiras. Com uma narrativa delicada, envolvente e que nos permite emocionar ao visualizar as cenas narradas, a autora afirma que “o preconceito em relação às mulheres paralímpicas parte mais pela deficiência do que pelo gênero (p. 98)”.

A autora apresenta situações de vida de mulheres que conquistaram “a duras penas” no esporte o que a sociedade não oportunizou e nem foi capaz de valorizar.

Márcia Malsar, ex-velocista, a primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro Paralímpica é a primeira também a ter sua história e feito contados no artigo. Uma história de superação que até mesmo quando ela teve o reconhecimento de suas conquistas representado na possibilidade de adentrar ao Estádio do Maracanã carregando a tocha na abertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, teve que resistir e ter forças para superar a forte chuva que caía no momento e o fraquejar de seus braços que deixam a tocha cair e a levam ao chão. Ao levantar-se e continuar no desafio, tal qual sempre fez em sua carreira, Marcia entrega a tocha para Ádria Rocha Santos, outra mulher medalhista que tem suas conquistas enaltecidas no escrito.

Ádria é trazida à tona como a primeira e maior medalhista feminina do país que supera os desafios da cegueira, do preconceito sofrido na escola em sua infância, da perda

de sua mãe (sua real visão de acordo com o relato da atleta) e se consagra como vitoriosa mulher, mãe, atleta e deficiente.

Seguindo nos escritos, a autora enaltece o feito da delegação brasileira de *goalball* que teve uma particularidade estreando em Atenas 2004 somente com a seleção feminina. Os homens não conseguiram classificação. Ganha destaque neste momento Ana Carolina Duarte, a mais nova do time que representou o Brasil naquela ocasião, com apenas 15 anos de idade.

E, por fim o artigo apresenta Roseane Ferreira dos Santos, a Rosinha, como é conhecida a atleta paralímpica de arremesso de peso, que de acordo com a autora é acometida triplamente de preconceito uma vez que é mulher, negra e deficiente. Sua história, não menos impactante que as demais atletas também traz uma possibilidade de superação e valorização amparadas pelo esporte que permite um reconhecimento de todas elas “enquanto pessoa, enquanto mulher e enquanto atleta (p. 98)”

Julio Cezar Fetter fica com a tarefa de escrever o sexto capítulo que traz a maternidade à tona. Intitulado de A atleta, a mãe e o imaginário: olímpicas brasileiras e a maternidade, o autor se utiliza do arquétipo da maternidade para compreender a sociedade brasileira, como expressão do machismo, que traz uma representação arcaica da sociedade frente às mulheres. A maternidade contextualizada historicamente no texto nos faz entender que as diferenças de gênero, não se caracterizam apenas para diferir, mas para determinar as relações de poder.

O autor traça uma linha histórica da maternidade, chegando posteriormente nos relatos contemporâneos de mulheres atletas e mães. As narrativas biográficas trazidas pelo autor trouxeram a temática da maternidade sem que o pesquisador direcionasse para tal. De acordo com ele, “o tema e sua profundidade surgiu a partir da necessidade e disposição de cada atleta em abordá-lo (p. 103)”.

A riqueza dos relatos constata que

[...] ao discutirmos maternidade e como ela se relaciona com mulheres, atletas ou não, devemos entender que ela não possui um modelo único definido, imaginado ou experienciado. A maternidade, como todas as dimensões vividas, para as atletas brasileiras tem muitas representações – sociais, morais, individuais – e se repercutirá de maneira igualmente abrangente nas carreiras (p.114).

O sétimo capítulo chamado Pioneirismo e protagonismo de uma mulher no esporte olímpico brasileiro: o quimono preto de Soraia André, foi escrito em parceria de Rafael Campos Veloso; Dhênis Rosina e Carlos Rey Perez. Neste, os autores se utilizaram de uma metodologia que privilegia as nuances do trajeto de vida da judoca olímpica Soraia André, pautando-se pela ideia de cartografias do imaginário obtidas pela apreensão das Narrativas Biográficas. Nesse processo, a confiabilidade da fonte está na fala da judoca, que é considerada em sua plenitude. O conto biográfico ‘O Quimono Preto’ foi o produto da narrativa autobiográfica concedida por Soraia André.

A epopeia pioneira da menina negra, filha de boxeador, começa a ser remontada com seus onze anos de idade, quando inicia sua incursão numa modalidade ainda proibida para mulheres e que alcança, posteriormente a participação nos Jogos Olímpicos de Seoul (1988) e Barcelona (1992), quando o judô feminino finalmente configurou no programa olímpico.

A biografia poética, apesar

[...] de se debruçar sobre a trajetória de vida da judoca, também revela em segundo plano elementos frente estruturais pelos quais foi exposto o esporte olímpico no decorrer do século XX como, por exemplo, a espetacularização, a transformação em atividade profissional que modificou antigos princípios como o do amadorismo, as ações de disputa de poder e a transformação do corpo e do atleta em mercadoria (p.135).

As Mulheres nos Jogos Tradicionais: uma leitura a partir do filme *Wappa* e dos encontros afetivos é o oitavo capítulo escrito e tem autoria de Soraia Chung Saura. Neste texto a autora destaca que, em geral, no esporte, as mulheres desempenham um papel importante no que se refere ao seu empoderamento e, a partir de suas pesquisas, ela afirma que em relação aos Jogos e Esportes Tradicionais, as mulheres também desempenham papéis importantes, com atribuições extremamente relevantes para o meio social, mas raramente detém o papel central, por exemplo como protagonistas, mantendo ainda a figura masculina em atividades de maior projeção pessoal.

O artigo busca explorar a especificidade dos jogos indígenas e o papel das mulheres, almejando iluminar os jogos e esportes das comunidades tradicionais em geral e levantar alguns pontos relevantes para pensar na igualdade de direitos. A autora considera que os jogos tradicionais carregam em sua gestualidade todo um sistema de códigos e significados que os permite ir além das habilidades e capacidades motoras, aproximando-os da indissociabilidade de seus sistemas sociais, mágico-religiosos, políticos que atravessam nossa corporeidade, nosso sistema de valores.

Em um segundo momento do escrito, a autora se debruça, a partir de um olhar fenomenológico, para o filme *Waapa*, que em 20 minutos, nos apresenta a vida do povo Yudjá. Filmado no Parque Indígena do Xingu, estado de Mato Grosso, Brasil, com foco nas atividades e práticas corporais infantis, o documentário é considerado pela autora como “emblemático para falar do ‘lugar da mulher’ nos Jogos Indígenas hoje (p. 148)”.

O capítulo nove foi escrito por William Douglas de Almeida e Rovilson de Freitas e está intitulado *Sob comando deles: as barreiras para mulheres técnicas nas equipes olímpicas*. O artigo se volta para a constatação e análise acerca das mulheres que buscam espaços nos cargos de liderança esportiva. Os autores evidenciam que se os desafios para mulheres atletas já são muitos, para aquelas que se aventuram em funções de treinadoras e gestoras, a dificuldade se amplia.

A partir de uma metodologia pautada pela narrativa biográfica, os autores dão voz e escuta para Maria Helena Cardoso, ex-técnica da equipe nacional de basquetebol feminina, como uma representante das poucas mulheres que alcançam seu feito. Maria Helena foi um “exemplo de exceção que confirma a regra: no Brasil, os cargos de comando do esporte ainda concentram-se nas mãos de homens (p. 164)”.

As especificidades da carreira de uma técnica são evidenciadas no texto destacando que seus conhecimentos devem ir além da parte prática do jogo, acumulando também os papéis de estrategista, líder, chefe. Tarefas essas que muitas vezes carregam o preconceito para ser assumida por uma mulher por ter questionada sua competência e capacidade de liderança feminina, aliados aos conflitos da vida profissional e pessoal, baixos salários e estereótipos.

O exercício da escuta, permitindo que Maria Helena falasse sobre sua trajetória como técnica profissional e das barreiras enfrentadas para chegar ao comando de uma seleção nacional nos Jogos Olímpicos

serviu não apenas como ilustração, mas demonstrou com clareza as dificuldades encontradas por aquelas que ousam ocupar um espaço tipicamente masculino (p. 173-174).

As mulheres e à docência em Educação Física: mais uma luta a ser travada em busca de espaços, ganha o capítulo dez da coletânea e é assinado por Andreza Rodrigues Marreiros de Sousa e Maria Alice Zimmermann. As autoras afirmam que o objetivo da escrita é dar visibilidade e relevância acerca da docência da mulher na educação física, buscando tecer considerações acerca da história das mulheres na docência e a sua participação nos esportes.

O texto se inicia com uma questão provocadora que busca, a partir de dados históricos, compreender se o percurso da mulher na educação foi limitado e demorado por terem essas ‘cérebros limitados’ ou uma provocarem ‘certa ameaça da ordem?’

Os entendimentos de fragilidade dos corpos femininos aliados à fortaleza de suas ações passam a garantir a conquista de certo espaço da mulher no esporte e na docência em educação física. Mas, conforme destacam as autoras, conquistas foram sendo adquiridas advindas de muitas lutas enfrentadas pelas mulheres em conjunturas sociais e educacionais. As lutas que envolvem a sociedade de um modo geral e o esporte, entendidas como indissociáveis, são narradas no capítulo como fonte de compreensão do processo vivido.

O capítulo é encerrado com uma contundente frase das autoras que nos faz compreender que o processo é vivo, dinâmico e as lutas femininas em constante percurso de aquisições.

É através da relação entre a mulher e o momento histórico atual e a sociedade, considerando o corpo como uma construção histórica e social, que veremos a construção de novas subjetividades, concepções e constructos que dirão: à mulher, é permitido o lugar que ela quiser ocupar e não àquele determinado socialmente (p. 187).”

No capítulo onze os autores Marcelo Alberto de Oliveira, Thabata Castelo Branco Telles e Cristiano Roque Antunes Barreira, escrevem sobre Mulheres brasileiras nos esportes de combate olímpicos: uma compreensão a partir de histórias de vida. Assim como outros capítulos da obra, os autores iniciam considerando o percurso histórico de luta das mulheres no esporte, evidenciando o duplo desafio: o de ser esportista no Brasil, sendo mulher. Posteriormente, o texto mergulha na especificidade dos esportes de

combate e ressalta que Judô, Boxe, Luta Olímpica, Esgrima, *Taekwondo* e agora o *Karate* que estreia em Tóquio 2020, trazem consigo importantes questões a serem problematizadas na contemporaneidade.

O texto, a partir do entendimento trazido por Norbert Elias, evidencia mulheres atletas (entendidas como *outsiders*) das modalidades acima citadas e suas histórias de luta e desafios na carreira. As disputas sociais, as batalhas do Ser mulher e a reorganização da esfera política que se faz necessária a partir da “[...] presença cada vez mais significativa de mulheres num ambiente historicamente pertinente aos homens (p. 194)” são evidenciadas no texto.

No caso deste capítulo, novamente o cenário de duplo contexto historicamente favorável aos homens: o esporte em si, bem como os esportes de combate, é trazido à tona pelas narrativas das atletas, que ainda que a partir de diferentes modalidades, convergem frente aos desafios que as mulheres têm buscado e conquistado em um campo predominantemente masculino.

A aventura das mulheres olímpicas brasileiras, é o título do capítulo doze, escrito por Raoni P. T. Machado. Com uma trajetória, que segundo o autor, está apenas começando, o capítulo remonta a incursão das mulheres nos esportes olímpicos de aventura.

A partir de um resgate histórico, o texto nos ajuda a compreender, de certa forma, a resistência e dificuldade histórica tida pelo Barão Pierre de Coubertin em aceitar que as mulheres pudessem participar dos Jogos Olímpicos. Além disso, aborda o movimento social da década de 1960, chamado de contracultura, que visava contestar os valores vigentes na sociedade e que foram fundamentais para estabelecer mudanças importantes no campo esportivo, entre elas a tentativa de fugir das quadras e campos padronizados e ir ao encontro de um ambiente mais natural, longe das regras institucionalizadas.

As atividades de aventura realizadas na natureza demoraram praticamente um século para ganhar seu espaço durante a realização dos Jogos Olímpicos, sendo apenas em 1972 que a primeira prova pouco tradicional chega ao cenário olímpico com a modalidade de canoagem *slalon*.

O artigo segue posteriormente, recontando a trajetória das mulheres atletas brasileiras nos Jogos olímpicos com a modalidades de aventura e aprofunda seus escritos

narrando como foi se dando a inserção destas brasileiras nas modalidades de remo, da vela, do *triathlon*, do ciclismo e por fim da canoagem *slalon*.

O décimo terceiro capítulo é o último da coletânea e fica a cargo de Tiago B. C. Falcão e se intitula *Mulheres da Aventura: uma equipe chamada Atenah*.

Um capítulo destinado a narrar o início da trajetória da equipe Atenah de Corridas de Aventura. Formada por quatro atletas brasileiras, a Atenah surgiu na cerimônia de premiação da Expedição Mata Atlântica (EMA) de 1999 e percorreu uma gloriosa história de uma equipe de aventura formada por mulheres. O capítulo traz importantes narrativas das participantes da equipe que apontam discussões sobre gênero, sobre os desafios das provas de aventura, sobre superação, além de uma estratégia de subversão adotada pelas mulheres participantes da equipe que se alinha como alternativa à força física masculina, reconhecida habitualmente nas corridas de aventura.

O artigo, bem como a

[...] equipe Atenah aparece como fonte de inspiração, não apenas às mulheres praticantes de esportes de aventura, mas também à sociedade como um todo, que deve repensar suas relações, promovendo urgentemente a igualdade de gênero e a preservação da natureza como resposta às crises ambiental e social vividas pelo conjunto da humanidade (p. 244-245).

Por fim, ao encerrar a leitura, fica uma sensação de que a obra traz, ora de forma mais poética, ora pelas falas das próprias mulheres, ora ainda por meio de pesquisas e aprofundados estudos do tema uma série de denúncias e anúncios.

Artigos que denunciam as dificuldades vividas por mulheres para adentrar e permanecer ao meio esportivo. Denúncias de resignação e ao mesmo tempo inconformação. Denúncias de um território, em pleno século 21, que dificulta e posterga a participação e o reconhecimento das mulheres em sua plenitude profissional como esportistas. Denúncias de uma constante negação às mulheres em carreiras outras no mundo esportivo que não necessariamente a de atletas. Nada novo. Denúncias que caminham desde sempre no universo do esporte. Isso é o que surpreende. Os dados e os fatos de que um cenário ainda patriarcal, machista e preconceituoso se mantém vigente.

Mas, tem os anúncios. Ah, os anúncios... Anúncios de mulheres que bravamente superam todo este universo controverso e resistem conquistando seus espaços, se tornando referências. Anúncios de uma geração contemporânea de mulheres que se utiliza do cenário esportivo para levantar bandeiras e ganhar visibilidade em causas feministas. Anúncios de mulheres que são mães, companheiras, fortes, rápidas, aventureiras, atletas. Anúncios de um tempo-espaço que tem sido lento e sinuoso frente ao reconhecimento das mulheres em patamar de igualdade aos homens, mas que tem caminhado com resistência e beleza para frente. Que os anúncios sejam, brevemente, mais potentes e mais corriqueiros que as denúncias.

A leitura do livro nos convida a atentarmos para essas mulheres. Para nos inquietarmos com estas histórias de muitas mulheres que no esporte brasileiro, assumem muitos papéis e uma única luta, conforme se intitula a obra.